

DE QUE LINGUAGEM SE TRATA?

WHAT MEANS THIS LANGUAGE?

Tania Nöthen Mascarello

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Psicanalista e Membro da Maiêutica Florianópolis Instituição Psicanalítica
m.tania@terra.com.br

RESUMO

Buscamos aprofundar a frutífera problemática da linguagem e psicanálise suscitada por junções e disjunções entre as formulações sobre o tema em Freud e Lacan. Exploramos o percurso do mestre vienense que, desde seus primeiros livros estabelece que o campo da psicanálise é coextensivo ao campo da linguagem. Lacan é leitor fiel das descobertas freudianas ao apresentar seu conhecido aforismo: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Neste primeiro momento do ensino de Lacan, ele se serve da linguística, especialmente de Saussure e Jakobson, para estabelecer a função da palavra e o campo da linguagem em psicanálise. O artigo visa, na sequência, estabelecer algumas rupturas do ensino de Lacan com relação a Freud e por consequência com relação ao próprio percurso. Privilegiamos nesta trajetória o tema do sentido e como as formulações do último período do ensino de Lacan o vão afastando da linguística, mediante a apresentação de inovadoras propostas que determinam uma nova meta na direção da análise. Utilizamos, para tanto, o método de periodizar o ensino de Lacan e os avanços da psicanálise.

Palavras-chave: Significante. Sentido. *Lalangue* (Alingua). Homofonia.

ABSTRACT

We seek to deepen the profitable problematic of language and psychoanalysis roused by junctions and disjunctions between the formulations about the subject in Freud and Lacan. We explored the Viennese Master course that, since his earlier books, settles psychoanalysis field is coextensive to the language field. Lacan is the loyal reader of Freud's discoveries by presenting his known aphorism: “The unconscious is structured like a language”. At this first moment of Lacan's teaching, he makes use of linguistics, mainly of Saussure and Jakobson,

for establish the word's function and the language's field in psychoanalysis. The article seeks, in its continuity, to settle some breaches of the Lacan's teaching regarding Freud and in consequence with regard to the own course. We favoured the sense subject in this trajectory and as the formulations of the last period of Lacan's teaching go driving him away from the linguistics, through the formulation of innovating proposals that defines a new boundary in the direction of analysis. We used the method of dividing into periods the Lacan's teaching and the advances of psychoanalysis.

Key-words: Significant. Sense. Lalangue (The language). Homophony.

Grande parte da existência humana transcorre em um estado que o uso da linguagem de vigília, a gramática estereotipada, a trama continuada, não podem transmitir.

J. Joyce, Cartas escolhidas.

*Sempre que olho para as coisas e penso no que
Os homens pensam/ delas,/ Rio como um regato/
Que soa fresco numa pedra./ Porque o único
Sentido oculto das coisas/ É elas não terem
Sentido oculto nenhum [...]*

F. Pessoa, Poemas de Alberto Caetano

1 INTRODUÇÃO

A premissa de que a questão da linguagem está presente em todas as ciências, válida, por si só, qualquer investigação sobre a maneira que a problemática da linguagem se articula com todo objeto do discurso e com toda a transmissão da experiência e seus resultados.

Esta afirmação inicial de caráter geral adquire particular relevância quando tratamos de discutir os modos como a linguagem se faz presente na psicanálise. As leis do funcionamento psíquico, Freud foi buscar no sonho, na psicopatologia da vida cotidiana, no chiste, mais do que no sintoma.

É neste funcionamento linguageiro que se revelam as formações do inconsciente e que se dá a experiência da análise. Desde seus primeiros livros, o mestre vienense estabelece que o campo da psicanálise é coextensivo ao campo da linguagem.

A clínica psicanalítica na qual estou implicada convoca-me a assinalar a relação existente entre um segundo par de termos, Freud e Lacan. A relação entre os dois mestres da psicanálise pode ser tecida entre as mais intrincadas redes. Ora se amarram ora se desprendem, ou seja, estão numa relação de junção e disjunção. Num primeiro momento, interessa-nos a leitura que realiza Lacan do texto freudiano. Esta singular leitura processou rigorosamente a doutrina psicanalítica de forma a colocar novamente para cima do tapete a problemática freudiana, no que ela tem de fundamental: a sua função de corte com o saber existente, corte ao confrontar a humanidade com uma nova concepção de homem e que feriu o seu narcisismo, alienado no desejo do Outro por efeito do significante. Mais adiante, vamos privilegiar formulações lacanianas que estão em disjunção com as propostas freudianas, indo além de Freud, na busca de Lacan por fazer a psicanálise avançar.

O que Lacan promove é o retorno a Freud e o retorno de Freud. (LACAN, 1998a, p. 402-437). O Invento freudiano tinha se transformado numa psicanálise asséptica, purificada, inoperante, posto que decepada do que lhe é fundamental. Um desses fundamentos é o próprio conceito de inconsciente em sua relação com a linguagem.

Entretanto, se num primeiro momento de seu ensino, Lacan define-se como um leitor de Freud, não é sempre nessa posição que se mantém. Diante disso, impõe-se a prática já estabelecida entre os psicanalistas lacanianos de periodizar o ensino do mestre francês. A partir disso, vamos trabalhar alguns pontos de junção entre Freud e Lacan, relativos ao primeiro período das elaborações lacanianas, o da primazia do registro do Simbólico. Depois, queremos assinalar algumas questões do período final do ensino de Lacan, em que nos deparamos com pontos de disjunção entre os mestres da psicanálise em relação à linguagem, momento das articulações lacanianas a partir do registro do Real, tendo sempre em mira a práxis do psicanalista.

Pensar a clínica psicanalítica implica levantar uma trama de questões que estão longe de serem esgotadas aqui. Proponho puxar alguns fios, articulando psicanálise e linguagem em Freud e Lacan, tendo a temática do sentido como uma baliza.

2 A DESCOBERTA FREUDIANA

Freud define o inconsciente como representações que se relacionam entre si segundo as leis do processo primário denominadas por ele de Deslocamento e Condensação. Na Carta 52 a Fliess, Freud (1977a, p. 317-324) faz uso de dois termos inequivocamente relacionados à

linguagem: signos de percepção – ‘*Wahrnehmungszeichen*’, para especificar em que constituem as representações no psiquismo que se instalam mediante uma inscrição – ‘*Niederschrift*’. Lacan (1988, p. 67), que virá sublinhar a estrutura de linguagem do inconsciente freudiano, chama atenção para o que expressava Freud com estas denominações: “[...] no sentido de algo que se constitui signo e que é da ordem da escrita. Não fui eu quem o fez escolher esse termo”. Assim deixa plenamente estabelecido que leu esta concepção de estrutura do inconsciente em Freud.

Desde que Freud apresenta sua hipótese, algo resulta indiscutível: as representações não são simples reflexos do mundo exterior. Os signos – *zeichen* carecem de consciência, não se organizam em um único registro, senão que em dois, e não correspondem pontualmente a referentes empíricos. Entre esses dois processos, diz Freud, a transcrição não é cópia fiel. Ocorre o que ele chama de “uma falha na tradução”, e acrescenta: “isto é o que se conhece clinicamente como repressão. Seu motivo é sempre a produção de desprazer, que seria gerado por uma tradução” (FREUD, 1977a, p. 319). A repressão surge, então, como denegação de tradução. Ela constitui-se no fenômeno específico que acompanha os reordenamentos sucessivos das representações. Ao passar de um nível de inscrição a outro, algo da ordem do sentido se perde. A repressão aparece como um fato de linguagem e recai sobre representações e suas traduções, ou seja, relações entre significantes, nas transposições entre o sistema inconsciente para o sistema consciente. Se tomarmos o trabalho de Lacan sobre a representação gráfica do signo linguístico de Saussure, teremos a inversão dos termos, passando o significante para cima e o significado para baixo da barra, recebendo esta última a equiparação à função da repressão. Deliberadamente a barra é espessada, marcando assim a resistência à significação.

A produção do sentido é localizada num lugar outro que a consciência, encontra-se, como diz Lacan (1979, p. 48), não em um lugar anatômico, mas em um “imenso espectro espacial situado entre percepção e consciência, como se diz, entre couro e carne”. É neste intervalo que Lacan vai situar o Outro como o tesouro do significante, o que não deve ser confundido com código linguístico, “pois não se conserva nele a correspondência unívoca entre um signo e alguma coisa, mas sim que o significante só se constitui por uma reunião sincrônica e enumerável, na qual qualquer um só se sustenta pelo princípio de sua oposição a cada um dos demais.” (LACAN, 1998c, p. 820). Estão colocados, assim, os dois eixos da lógica do significante, a sincronia e a diacronia. Na citação abaixo podemos perceber as referências que Lacan vai buscar para explicitar do inconsciente sua estrutura de linguagem:

Nessa fórmula, que só é nossa por ser conforme tanto ao texto freudiano quanto à experiência que ele inaugurou, o termo crucial é o significante, ressuscitado da retórica antiga pela linguística moderna, numa doutrina cujas etapas não podemos assinalar aqui, mas da qual os nomes de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson indicarão a aura e a culminância atual, lembrando que a ciência piloto do estruturalismo no Ocidente tem suas raízes na Rússia em que floresce o formalismo. Genebra, 1910, e Petrogrado, 1920, dizem bem por que seu instrumento faltou à Freud. Mas essa falha da história só faz tornar mais instrutivo o fato de que os mecanismos descritos por Freud como sendo os do processo primário, onde o inconsciente encontra seu regime, abrangem exatamente as funções que essa escola toma por determinantes das vertentes mais radicais dos efeitos da linguagem, quais sejam, a metáfora e a metonímia, ou, dito de outra maneira os efeitos de substituição e combinação do significante nas dimensões respectivamente sincrônica e diacrônica em que eles aparecem no discurso (LACAN, 1998c, p. 813-814).

Em seguida, Lacan apresenta uma questão fundamental: que tipo de sujeito podemos conceber a esta estrutura?

O sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente. Ele é sujeito, porque sujeitado a um saber não sabido. É sujeito dividido, barrado pelo próprio significante, cindido entre o que ele é enquanto ser de desejo (ou falta-em-ser) e o que ele pensa e diz ser. O Sujeito dividido é uma categoria psicanalítica e o seu contra ponto é o Outro. O sujeito, atravessado pela linguagem, só chega a constituir-se por ocupar um lugar no espaço simbólico.

O homem, por estar inserido na linguagem, ou melhor, por que ele fala, rompe num mesmo ato com a natureza e com a suposta autonomia volitiva consciente sobre seu destino. A psicanálise vem mostrar ao orgulhoso Eu que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo contentar-se com informações escassas do que acontece inconscientemente, em seu psiquismo (FREUD, 1976a, p. 336). A sua divisão é entre o consciente e o inconsciente, parte de si mesmo da qual está alienado. A sua sexualidade não é determinada pela biologia. A sexualidade do ser falante não é instinto, é pulsão – *Trieb*, diz Freud.

A sexualidade, pulsional, escapa à ordem natural, desacomoda o sujeito, introduz a inexistência do objeto pré-determinado, fecha o caminho da satisfação, consagra à incompletude, engendra a realidade, se engana através do Eu no amoroso abraço de objetos imaginários, condenado à deriva. O prazer, ou a felicidade, se quisermos, não está à mão. Mas não porque foi proibida pelo pai interditor do mito edípico. O prazer absoluto, o encontro perfeito com o objeto, não está à mão por impossível. O mito edípico dá conta, com a sua lei, de que o ser falante se constitui numa ordem de falta.

Se, no modelo instintual da fome, há satisfação, não é disso que se trata na pulsão. Mas ainda assim ela se alimenta. A pulsão alimenta-se mais do cardápio que da comida. Alimenta-se de cheiros, de olhares, de aplausos, de mucosas, de palavras, de rimas e ritmos,

de golpes dados e recebidos, de humilhações, de culpas e vergonhas, de traições, de espelhos e retratos, de promessas, de eloquências e silêncios, de cores e manchas, de sapatos, de beijos e orgasmos. A pulsão se alimenta, mas não se satisfaz. Um dos modos desta satisfação-insatisfação é o sintoma neurótico.

A partir disso se fez a clínica psicanalítica. Mas, “Que é a clínica psicanalítica?”, se pergunta Lacan (1977a) e nos afirma: “Não é algo complicado. Tem uma base: é o que se diz numa análise”.

Está colocado, assim, em relevo o dizer no processo da cura analítica. Na análise, evidencia-se que o dito do enunciado não corresponde ao dizer da enunciação, pois o dizer fica esquecido atrás do dito. O sujeito do inconsciente é o sujeito da enunciação, isto é, participa da ordem do dizer. Freud o soube antes que qualquer um e seu descobrimento chamou-se psicanálise. A divulgação desta descoberta é datada. Foi em 1900 que se conheceu o caminho régio do inconsciente, pela publicação do livro *A Interpretação dos Sonhos*. Foi pelos sonhos, que transformam imagens em discurso, que Freud pôde descobrir a estrutura do inconsciente como a de uma linguagem. Entretanto, a técnica para chegar a escutar esta linguagem, ele aprendeu com a histérica, quando ela se dispôs a falar. Com o convite expresso de “fale que o escuto”, fale sem censura, sem preocupação com a lógica ou coerência, sem críticas ou julgamentos, Freud inaugurou um modo inédito de relacionamento entre os humanos, que estabelece algo muito distinto de todos os laços sociais existentes e contrário às modalidades discursivas conhecidas até a psicanálise.

Sim, tudo teve início com as histéricas. A experiência com a histeria no século XIX está intimamente ligada a uma clínica do olhar, e Charcot é seu paradigma. Ele a descobriu para encerrá-la num quadro - quadro clínico. Imbuído do ideal da visibilidade, Charcot fazia dos histéricos verdadeiros quadros vivos, coreografando suas posturas em plásticas composições, no espetáculo de todas as terças-feiras.

O olhar observador do médico só sai de cena pelas palavras de uma histérica. Anna O. é seu nome. Não olhando para a histérica, foi possível escutá-la e uma histérica pode se escutar. Não mais aquela universal, enquadrada em uma nosografia comum a todas, mas uma a uma, em sua singularidade.

É pelas palavras de Anna O. que Breuer é surpreendido. São palavras de amor que assustam ao conceituado médico vienense. A gravidez dita psicológica de sua paciente foi uma espécie de espelho sinistro; revelou a Breuer que o seu desejo era desejado como o desejo do Outro. Como diz Lacan, ela estava grávida do desejo dele. É justo reconhecer a

participação de Breuer na história inicial da psicanálise. Contudo, é preciso que se reconheça também que Freud ficou para cuidar da criança, enquanto Breuer, é o caso de dizer, fugiu à responsabilidade. Afinal, ele tinha uma reputação a zelar.

A histérica, ao ir colocando palavras em sua cegueira, em sua paralisia, em seus desmaios, em seu sofrimento, faz vacilar a imagem cristalizada do sintoma e abre a porta para a psicanálise. Mas isso só foi possível porque ela falou desde um lugar Outro e Freud soube escutar. Advém assim a prática psicanalítica, que se institui como tal ao deixar de lado uma posição substancialista, assimilável, referenciada, para abraçar outra forma de materialidade, que é corpo, mas corpo sutil - a palavra.

A definição mais conhecida de Freud (1976b, p. 122) sobre o sintoma é a de que ele “é um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo da repressão”.

A pulsão é conceito limite entre o somático e o psíquico. Ela só chega a inscrever-se no corpo, marcando zonas, fazendo corpo erógeno, pela ação da linguagem. A inscrição é da letra no real do corpo, fora do significado e do sentido; o que se edifica sobre ela para constituir o sintoma, Lacan o denomina de andaime de significantes.

O corpo não é o das pulsações, sístoles e diástoles, contrações e distensões, mas um corpo que está escrito, partido, esquartejado, animado de sentido. Este corpo está localizado no discurso e chega a ser corpo porque foi animado pelo desejo do Outro. A mãe, outro primordial enquanto desejante, é quem marca os pontos significantes do corpo de seu filho. A partir daí, erotizam-se órgãos e funções, que só terão ex-sistência pela fala: um estômago porque queima, uma garganta porque se fecha e faz sumir a voz, um braço porque provoca dores lancinantes, pernas porque não andam, olhos porque não vêem, e assim por diante. São conhecidas as expressões denominadas por Roberto Harari de “sintagmas cristalizados”, análogos ao sintoma, que capturam de modo condensado os conflitos do sujeito, referindo-os a um órgão ou a uma função somática.

É comum escutarmos: “foi uma punhalada no coração”, “me ferve o sangue”, “isso eu não engulo”, “foi um soco no estômago”, “foi um tapa na cara” (sobre algo que foi dito) e certamente poderíamos relacionar muitas outras dessas metáforas de uso corrente. O sintoma por ser substituição, na produção de sentido condensa mais de um significante, é metáfora, diz Lacan, buscando a sustentação dessa afirmação em Jakobson. Para que a metáfora se realize, se faz necessário ao menos um deslocamento, ou seja, uma metonímia.

O falante, por sua condição de tal, sofre aprisionado a um monumento de significação – o sintoma. Letra que se escreve e se faz significante pelo dizer e espera uma interpretação. Supor um sujeito do inconsciente ao sintoma foi precisamente o ponto de partida para Freud, que constituiu o saber psicanalítico como marginal aos outros saberes. A fala sofredora do sintoma e sua interpretação é o momento de abertura. Condensa a vida sexual do neurótico numa cristalização que a língua fixa, amarrada ao inconsciente e vinculada ao enigma da pulsão, gerado pela falta de saber sobre o objeto que a caracteriza.

Desde Freud, sabemos que a linguagem do sonho é o modo de expressão da atividade inconsciente, mas, curiosamente, ele acrescenta: “o inconsciente fala mais de um dialeto”, uma língua não oficial (FREUD, 1976c, p. 212). A psicanálise ocupa-se justamente não do idioma oficial, senão do Outro — Não do enunciado, senão da enunciação. O lapso, o chiste, o sonho, o sintoma, são sua matéria prima. “O que são os sonhos, senão sonhos relatados?”, assinala Lacan (1991a, p. 124) na sustentação da hipótese do inconsciente como a maneira que teve o sujeito de estar impregnado pela linguagem.

Em seus *Escritos*, Lacan enuncia a interpretação como dirigida ao significante. Surgimento, em análise, da *Palavra Plena*, reveladora de algo da verdade do sujeito, irrupção de uma ponta de Real. Esta palavra é o dizer da associação livre, enunciação, em oposição à *Palavra Vazia*, do enunciado do Eu (LACAN, 1998b, p. 255). A palavra é a do instante do ato, sempre falho, por onde o inconsciente irrompe. A palavra plena é, pois, presença da falha. O inconsciente, alheio às leis da gramática, participa do equívoco. Na tentativa de entender o sintoma, Freud vai buscar, então, no sonho, nos atos-falhos, no chiste, as leis do funcionamento psíquico.

Colocado em breves palavras como foi se dando a descoberta freudiana, podemos dizer que talvez não exista um termo mais abrangente do que a linguagem em relação à psicanálise, tanto no que diz respeito às construções teóricas quanto ao nascimento de uma clínica. Esta se limita a uma única regra, dita fundamental, dirigida ao sujeito que se apresenta para uma análise: “fale”.

3 O DESEJO DE FREUD

Decifrar os enigmas que sua descoberta lhe apresentava era o que animava Freud. Havia rompido com a ideia de uma lesão orgânica de acordo com o modelo médico e não lhe bastava a ideia filosófica de um trauma pensado abstratamente, que não tinha nenhuma

incidência sobre a forma clínica que tomava a histeria, ou seja, desligado da história singular de seus analisantes. Diante disso, Freud tece a trama dramática da vida do sujeito. O importante era devolver ao trauma seu lugar na história.

No Seminário 11, Lacan (1979, p. 56) assinala esse “desejo de Freud” pelo encontro do Real: “Ele se empenha, e de modo quase angustiado, em interrogar qual é o encontro primeiro, o Real, que podemos afirmar haver por trás da fantasia”. Neste mesmo Seminário, mas não somente aí, Lacan vai marcar o caráter de impossível da empreitada freudiana do encontro com um Real cabal e conclusivo, que pudesse vir em socorro do sem sentido, como doador de um sentido absoluto e definitivo ao sofrimento do sujeito.

Lacan (1979, p. 61) é preciso: “O lugar do Real, que vai do trauma à fantasia – na medida em que a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro.” Refere-se Lacan, especificamente nesta passagem, ao historial clínico do “Homem dos Lobos” e se pergunta se esta verdadeira febre de Freud não teria condicionado em seu doente o aparecimento tardio de sua psicose. Ao que Lacan alude com “algo de absolutamente primeiro” é a inscrição da letra, fora do significado e do sentido, do Registro do Real, portanto, anterior ao advento da linguagem no sujeito. Freud o define com repressão primária, *Urverdrängung*. (FREUD, 1976d, p.13-151).

Essa busca do fático e do relativo ao acontecimento vai sendo abandonada na medida em que a teoria do trauma vai sendo substituída pela da fantasia. Freud admitiu num primeiro momento, a fatuidade das declarações de suas pacientes sobre a sedução pelo pai. Logo passou a considerar que era de fantasia que se tratava. Ele passa, então, a situar o fantasma – termo proposto por Lacan para distinguir a fantasia inconsciente do devaneio – no centro do compromisso sintomático.

Ainda que um elemento da realidade chegue a constituir-se em fato, a função do fantasma segue sendo sempre a mesma, isto é, determinante. Freud descobre que o fantasma é subjacente às formações do inconsciente como um escalão prévio. O fantasma não depende da narrativa dos fatos, mas da elaboração do discurso.

É assim que vamos encontrá-lo no texto freudiano “Uma criança é espancada”: um conjunto de proposições (FREUD, 1976e, p. 231-232). Esta é a vertente Simbólica do fantasma, a que vem somar-se uma cena, registro do Imaginário, originada no mito edípico, e uma articulação do sujeito com o objeto – objeto *a* diz Lacan (seio, fezes, olhar e voz) – do registro do Real.

Justamente por não ter acontecido na realidade e sim no discurso, como expressão do desejo, é que conserva seu caráter constituinte. A realidade do referente, saindo de cena, dá lugar para que apareça no discurso a verdade do sujeito. Neste movimento, toma corpo a noção de realidade psíquica, discursiva, ao mesmo tempo em que outra concepção de verdade emerge.

Em 1920, Freud (1976f) declarou que depois de 25 anos, a meta da análise havia mudado. Inicialmente, o analista procurava, através da rememoração, descobrir o material oculto, inconsciente, reunir este material, e, no momento oportuno, informar ao paciente suas conclusões. Feito isso, haveria a remissão do sintoma. A psicanálise era, então, arte interpretativa. Pela construção das proposições do fantasma e da captura do sentido do sintoma, a interpretação constitui-se na comunicação de um saber do analista, cheia de significação. Esta, na concepção de Lacan, é a vertente simbólica da análise.

Faz-se necessário aqui um parêntese. Lacan organiza seu ensino em torno do que ele denomina de os três registros da experiência do ser falante: Real, Simbólico e Imaginário, que se costuma mencionar pelo uso das letras iniciais das três palavras - R.S.I. Para apresentá-lo brevemente, o Simbólico remete à estrutura do inconsciente. De sua leitura, especialmente dos textos sobre os sonhos, chistes, atos-falhos e sintoma, ou seja, das formações do inconsciente, ele irá afirmar: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1979, p. 193). O Imaginário remete à relação dual, especular, da construção do Ego. O Real aponta para o que está fora do significado, portanto, fora do campo da linguagem. Remete à pulsão e ao seu objeto faltante.

Voltemos a Freud. A estratégia da interpretação das recordações revelou-se insatisfatória. O paciente resiste à interpretação. Se, no início, o objetivo era o de comunicar, explicitamente, um saber até então insabido, tratava-se agora de fazer com que essa comunicação fosse aceita. O que se apresenta então é a análise das resistências, armadura envergada pelo Ego. O Ego nada quer saber do desejo, porque desejo é a expressão da falta.

Trabalhar nesta direção, a da busca pelo sentido do sintoma, é incrementar a compreensão do analisante e dar mais espaço ao Ego astuto, resistente e racionalizador, deixando sempre alienado o sujeito. A alienação é do sujeito ao seu desejo inconsciente, constituinte do ser falante; uma alienação de outra ordem, portanto, que a alienação político-social.

Por mais que Freud insista na busca do sentido, há o assinalamento permanente de articulações significantes que se apresentam como da ordem do absurdo, da incoerência, da incongruência, da besteira, do *nonsense*.

No texto freudiano “*Psicopatologia da Vida Cotidiana*”, Lacan vai pontuar, no “caso” *Signorelli*, que Freud se depara com ruínas metonímicas no limite do dizível, diante desse *Herr* absoluto que é a morte. Num primeiro momento, restos de palavras, sons de uma combinatória, *absens*, “[...] sobre o tema dos fins últimos, que nós metaforizamos, que domesticamos, que fazemos voltar a entrar na linguagem, na confrontação com a morte” (LACAN, 1999, p. 42-43).

No trabalho sobre o chiste, o *nonsense* irá tomar valor conceitual, ainda que já tenha sido apresentado no livro dos sonhos e no dos atos falhos. É no estalido do chiste que se precipita a descoberta de sua relação com o inconsciente: “[...] ‘um contraste de idéias’, ‘sentido no *nonsense*’, ‘desconcerto e esclarecimento” (FREUD, 1977b, p. 24). A alternância entre ‘considerá-lo sem sentido’ e ‘reconhecê-lo como sensato’, provocando o efeito de sentido, é o que garante o sucesso do chiste (FREUD, 1977b, p. 154). Estariam aí assinaladas questões centrais da temática do sentido? Deleuze (1998, p. 73) afirma que seu efeito se dá pelo sentido pleno, pelo excesso de sentido, em conjunção com seu esvaziamento.

Freud o vislumbrou. O sonho é um rébus, é cifra, é letra. É elaborado em torno a um umbigo, limite de deciframento, rocha intransponível da *Urverdrängung*, não alcançável pela significação. Os lapsos de língua criam variadas sonâncias. No chiste, escutou a fronteira do sem sentido. Entretanto, ele não deu corpo à sua descoberta. Havia se deparado com um limite básico, estrutural, inerente ao coração do Simbólico, definido como condição da própria linguagem, que nos remete a duas propostas fundamentais de Lacan: a de que não há metalinguagem e a outra, também decorrente da linguagem, de que um significante não pode representar a si mesmo, assim como o sujeito não consegue lograr tal desígnio (HARARI, 2002. p. 264-266). Estamos, então, diante da alienação primordial do sujeito pela implicação significante, $S_1 - S_2$. Lacan, especialmente no período final de seu ensino, responde ao inconsciente freudiano por meio do Real.

4 LACAN: PONTUAÇÕES SOBRE UM NOVADOR PERCURSO

Os desenvolvimentos de Lacan o foram levando do significante à letra; do inconsciente “estruturado como uma linguagem”, primazia do Simbólico, ao Simbólico como buraco; da letra como suporte material do significante à letra que é do Real, enquanto dejetivo “letrino”. A linguística passa de “Ciência Piloto” a ser mais uma entre outras das muitas disciplinas das que Lacan vai se servir do que lhe serve para fazer avançar a psicanálise.

Podemos mencionar algumas como a filosofia, a matemática, a lógica, a topologia, mediante as quais vai se desamarrando muito cedo da linguística como ciência, ao ir constituindo em outro rigor o seu ensino.

De início, o algoritmo lacaniano, que subverte o signo linguístico ao sublinhar o domínio do significante e coloca o significado como deslizante sob a barra da repressão, passa a ser a própria definição de significante e também a de sujeito como seu efeito: “O significante é o que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1979, p. 197). Mas, no Seminário 20, *Mais, ainda*, ele dedica um capítulo ao estabelecimento das diferenças entre os domínios da linguística e da psicanálise. Ali podemos mesmo dizer que ele se retrata: a Jakobson o que é de Jakobson – com nosso agradecimento – a nós a linguisteria. (LACAN, 1982, p. 25).

Roberto Harari (2003a, p. 127), extraordinário leitor de Lacan, especialmente dedicado ao último período do ensino do mestre francês, chama atenção para o fato de que se a palavra tornou-se hierarquizada no decurso freudiano, é indiscutivelmente consequência dos ensinamentos de Lacan. Contudo, o mesmo Lacan, ao receber o retorno dos efeitos imaginários de seu ensino mediante os textos que foram sendo produzidos por seus alunos ou não, concluiu que a psicanálise havia sido transformada numa “linguística aplicada.” Assim, Lacan aproxima-se da linguística, da qual logo se diferenciará explicitamente, para terminar situando, na parte final de sua vida e de sua obra, a psicanálise como *práxis* do dizer, da linguagem em sua articulação com a letra, com as homofonias, com as intraduzções, com as translinguisticidades, inventando, a partir do registro do Real outro paradigma para o fazer do psicanalista. Harari (2007, p. 19-48) o denominou com um significante novo: “Realinguagem”, que forclui o sentido.

Linguisteria, este neologismo inventado por Lacan para dizer o que é da seara do psicanalista, é coextensivo a outro neologismo: *lalangue*, alingua, em uma só palavra. Em seu texto “*A Terceira*”, que foi apresentado no Congresso de Roma de 1974, Lacan inicia estabelecendo uma relação direta com um de seus escritos, ao qual enumera como “a primeira”, intervenção sua no referido Congresso no ano de 1953, que recebeu o conhecido título “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*”. O estabelecimento da relação entre as duas intervenções tem o objetivo de esclarecer as diferenças entre as elaborações lacanianas sobre a linguagem, em distintos momentos de seu ensino. Lacan acentua que, com “*A Terceira*”, “disse o que tinha que dizer. A interpretação não é interpretação de sentido, senão jogo com o equívoco. Por isso pus o acento sobre o

significante na língua. O designei como a instância da letra, [...] e acrescentei desde então, sem maior efeito, que a interpretação trabalha com *lalangue*”. (LACAN, 1991b, p. 88). O surpreendente – diz Lacan (1977b) – é que “os analisantes não falam senão disso, de *lalangue dite maternelle*, que se resume na do parentesco”, a *Outra* cena como já o dissera Freud. Consequentemente, *lalangue*, sempre prestes a surgir sob a forma de lalação, restos sonoros, pedaços do real, sem lei e sem ordem, real da letra, “vai além de tudo o que o *parlêtre* é suscetível de enunciar” (LACAN, 1982, p. 190). Distinta da comunicação, ela é quebra da sintaxe, dos efeitos pacificadores do simbólico e adormecedores do imaginário, atesouramento dos excessos de sentido. Seus efeitos, sempre enigmáticos, produzem não um sentido, mas efeitos de sentido outro.

Já em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan propõe a escuta das polifonias. É neste escrito, bem anterior, datado de 1957 – que recebe na ordenação cardinal a posição de “segundo” dos textos que tratam diretamente da linguagem – que se estabeleceu a letra como o diferencial do significante, a letra como o *suporte material que o discurso concreto empresta à linguagem*. Por materialidade, quer conotar sua condição de inscrever-se enquanto cifra, numa ordem determinada e determinante, obedecendo à lógica do significante. Com a noção de *lalangue*, outra materialidade é desenhada. *Motérialisme*, diz Lacan, pela junção de dois termos franceses: *mots* e *materialime*. É a sonoridade que se impõe “[...] em toda sorte de tropeços, em toda sorte de maneiras de dizer, em função da maneira que *lalangue* foi falada e também escutada por cada um” (LACAN, 1991a, p. 126). Outro diferencial, portanto, é estabelecido: *lalangue* impõe que o diferencial do sentido seja a sonoridade fonética. Se localizamos o significante no domínio do Simbólico, a letra ostenta uma dominância do Real. Nesta nova ‘materialidade’, que aponta para a palavra como apoio, ela o é sob a condição de não ter mais sentido algum, ou seja, o de ter-se feito letra sonora, sentido exilado, possibilidade de soar outra coisa.

No Seminário 21, aula de 11/de junho de 1974, Lacan apresenta uma ideia do que quer dizer com escutar um sentido outro, a partir da sonoridade fonética. O analista, por colocar-se num estado “pudico” denominado de “atenção flutuante”, faz com que, justamente quando o analisante emite uma ideia, o analista possa ter outra muito diferente, que brota como que num relâmpago, por uma feliz casualidade e, justamente dali, desta outra coisa escutada é que pode produzir-se a interpretação. Por termos uma atenção flutuante, às vezes ouvimos o que o analisante disse, devido a uma espécie de equívoco, ou seja, de uma equivalência material. Assim, nos damos conta de que o que disse foi ouvido de modo

atravessado, de viés. E exatamente por ouvi-lo todo de través que é possível adverti-lo de onde emergem seus pensamentos, sua semiótica própria. Ela não emerge de outra coisa que da ex-sistência de alíngua. Alíngua ex-siste em outro lugar que não naquele que acredita ser seu mundo. Irrompe assim uma ponta de Real que tem que ver com o saber inconsciente. Lacan faz “mostração” em ato desse soar de outra coisa no próprio título do Seminário 21: *Les non dupes errent*, que pela homofonia também pode ser lido/escutado *Les noms du père*. Traduzindo para o português temos, respectivamente, *Os não incautos erram* e *Os nomes do Pai*.

Para Lacan (1982, p. 187) neste período avançado de seu ensino, “a linguagem, cada vez mais, é uma lucubração de saber sobre *alíngua*”, que não é mais que um discurso científico para dar conta de *alíngua*, essa que falamos. *Alíngua* serve para coisas muito diferentes que a comunicação, como o demonstra a experiência do inconsciente. A comunicação implica o referente. A palavra aponta a coisa, mas não faz mais do que falhar em seu objetivo, o que não quer dizer que não produza efeitos. Em “O aturdido”, texto de 1972 – contemporâneo do Seminário 19, “O saber do Psicanalista”, ambos, portanto, da última década de seu ensino –, Lacan apresenta sobre este tema uma formulação intrigante: “*Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve*”, (LACAN, 2003, p. 448). Em outras palavras, o que se enuncia e quem se enuncia (*Que se diga*) implica aquilo que se escuta, tendo em conta a função de um esquecimento, marca do inconsciente freudiano. *O que se diga* como enunciado porta uma enunciação esquecida por trás do que se ouve/escuta e abre para a dimensão do equívoco no que se diga e no que se escuta, pois “Alíngua não tem nada que ver com o dicionário, qualquer que seja” (LACAN, 1971). O que caracteriza uma língua entre todas, são os equívocos que são possíveis nela (LACAN, 2007, p. 112-113).

Estabelecido minimamente, conforme nossa leitura de Lacan, de que linguagem se trata em psicanálise, quero dedicar algumas palavras à temática do sentido, por ser um dos definidores da práxis do psicanalista na direção da análise. Início pela figura da metáfora para tentar ir-lhe além. Buscarei recortar alguns pontos de torção que possibilitem estabelecer uma articulação com a proposta lacaniana lançada em seu momento de concluir, que pode ser representada pela afirmação de que a psicanálise é uma prática do Real. Nesse questionamento, não se trata de desvalorizar a vigência da metáfora, mas sim, com Lacan, de inovar. Não há, em nosso percurso, a proposta de disjunções exclusivas nem a idéia de progresso, pois não visamos esquecer um passado errôneo em prol de um futuro venturoso. Nossa referência é: “necessário, mas não suficiente”.

A metáfora como substituição é o que costumamos denominar de sintoma; substitui um significante por outro. No sintoma, por exemplo, certa frase é metaforizada no corpo e se evidencia ao fazer-se carne. A metáfora como “chispa poética” e criadora de significação é o que podemos chamar de interpretação. Assim, pode ser tão metafórica uma criação poética, quanto uma interpretação ou um sintoma. O efeito metafórico advém pela substituição (elisão) de um significante e a conseguinte colocação de outro significante em seu lugar. O significante substituído, que fica sob a barra da repressão, conserva seu lugar, mas em ausência. Pode vir a presentificar-se se for evocado.

Para que o uso da metáfora tenha êxito, requer algumas condições: que ela seja entendida, do contrário não serve, e também que vá contra a significação habitual, pois essa oculta o sujeito. Ao alcançar isso, o ato analítico testemunha a presença eficaz de uma ordem significante que se eleva contra o muro da metáfora congelada que é o sintoma. O que ali se precipita é um sentido novo que destitui o equilíbrio do eu. Essa destituição, entretanto, é sempre fugaz, visto que a pequena brecha de sem-sentido é novamente preenchida com esse sentido novo, que, por sua vez, pedirá por nova significação, marcando assim o interminável da análise, cadeia significante, registro do Simbólico.

O psicanalista opera aí como um tradutor do modo de expressão do que nos é alheio para o que nos é familiar. Podemos especificar isso pela operação interpretativa pela busca do sentido e da significação. “Mas o que é o alheio, o insondável, o indizível? Precisamente algo chamado por Freud de *Unheimliche*”, o não familiar, o estranho, a emergência do alheio no seio do familiar. Assim, o analista que, mediante sua interpretação obtém uma tradução, não determina outra coisa que uma sedação do surgimento do estranho (HARARI, 2003b, p. 108). Deste modo, Lacan vai assinalar que o Simbólico coagula e estreita a emergência do Real do inconsciente. Ele é preciso ao recomendar não nutrir o sintoma com sentido (LACAN, 1991b, p. 94).

Podemos afirmar que a noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, primazia do Simbólico, via da metáfora, não dá conta do que se passa na direção da análise. Torna-se imperativo, então, a introdução do que vamos encontrar nos últimos seminários de Lacan, que produz um corte epistemológico com o que era postulado até então: a figura topológica do nó Borromeo. O Real é posto em relevo quando busca precisar suas amarrações ao Imaginário e ao Simbólico, o que tem como efeito uma noção nova: Invenção. “O Real o inventei”, ele afirma, e as formulações dali decorrentes implicam um distinto fim de análise, pela via do *Sinthomem* (LACAN, 1973).

A escrita enigmática de Joyce fascina Lacan. Escrita única em que estão ausentes os efeitos apaziguadores da metáfora e da significação. O que irrompe como “falas impostas”, momentos epifânicos, livres de significação própria, marcados por um não sentido radical, tem seu poder de atração por seu caráter enigmático, mais do que pelo caráter poético. É o que podemos constatar nos finais dos contos *Dublinenses*.

De que dá testemunho Joyce com sua arte? Lacan o chama de herético. Herético da boa maneira. “A boa maneira é aquela que, por ter reconhecido a natureza do *sinthoma*, não se priva de usar isso logicamente, isto é, de usar isso até atingir seu Real, até se fartar”, usá-lo até que não haja mais sede de significação, de interpretação (LACAN, 2007, p. 16).

A heresia de Joyce pode suscitar muitas articulações, mas salientamos o rompimento com a linguagem como um conjunto de regras estruturadas e harmônicas e, também, por ter inventado um artifício que Lacan denomina *Sinthomem*, sustentado teoricamente como a quebra do equilíbrio do nó borromeo de três elos, R.S.I. (Real, Simbólico Imaginário, como os três registros da experiência do sujeito) denominados de consistências por Lacan, pela introdução de uma quarta consistência, *Sinthomem*, amarrando as outras três. Nesta amarração, se estabelece uma heterogeneidade entre elas, pelo número de cruzamentos distinto com um dos três registros. Sabemos que o termo francês *herési*, remete por homofonia ao *Seminário 22, R.S.I.*, no qual Lacan introduz o nó de quatro, mais precisamente cadeia borromeana de quatro consistências, contudo só dá a conhecer seu alcance real para nossa práxis, no seminário seguinte, *Le Sinthome*. A essa quarta consistência, Lacan define como *Nominação* (LACAN, 1975a).

Servindo-se do fazer de Joyce, Lacan apresenta um trânsito conceitual desde a metáfora paterna, baseada no Nome-do-Pai, para as nominações, efetuando assim a passagem desde o amor eterno ao pai, que dá sustentação à metáfora paterna, até os fenômenos de supleção. Esta última é uma realização distinta da metáfora, cujo traço definidor reside na substituição. A supleção não indica nenhuma troca substitutiva, senão a agregação de algo novo.¹ O artificar é, então, bem distinto de dar sustentação ao Nome-do-Pai, mediante um amor incondicional, eterno. Trata-se de ir além do Nome-do-Pai à condição de servir-se dele (LACAN, 2007, p. 132).

Desde o Nome-do-Pai – instância que permite a operação da metáfora em geral e por isso Lacan lhe chama metáfora paterna – vamos encontrar um deslizamento até as falhas do Nome-do-Pai e, portanto, até as falhas da metáfora. Assim, a função da metáfora no sujeito só é viável se a metáfora paterna foi convenientemente articulada, isto é, a substituição do

Desejo da Mãe pelo Nome-do-Pai. A metáfora Paterna se interpõe como elemento terceiro, separador, na relação dual entre Mãe e Filho, tomado este último, nesta estrutura, como o Faló que a completa. Sabe-se que a capacidade de fazer metáforas constitui um índice relevante para captar o grau de analisabilidade de um sujeito. Sem desabilitar a instância Nome-do-Pai, Lacan vai trabalhar seus limites ao afirmar que a metáfora paterna falha sempre na constituição do sujeito e não somente nas psicoses, como parecia propor noutra ocasião; daí suas formulações sobre as supleções do Nome-do-Pai.

O que Lacan pretende salientar nos seminários referidos é justamente a inconsistência do Outro. Desde a clínica, o que se verifica é a alternância entre a consistência e a inconsistência do pai, que pode ir desde o fantasma de onipotência do “pai terrível” até suas mais pungentes carências, quando são sublinhadas suas caídas, suas falhas, ou seja, que falha, tanto por carência como por excesso. Nesse ponto das formulações lacanianas, mais precisamente no Seminário 22, o Nome-do-Pai pode ser reduzido à sua função essencial: estabelecer, de modo contingente, a relação entre as palavras e as coisas. O Nome-do-Pai como instância nomeadora remete ao Gênesis bíblico, em que Deus vai dando nomes ao que já existia (LACAN, 1975b). No início do Seminário 23, Lacan vai evocar a figura de Eva criada por Mark Twain, que, chistosamente faladeira, ao falar por falar, vai criando termos ao ir batizando as coisas. Vai criando significantes novos, numa clara alusão à inevitável falha nomeante do Pai criador, fazendo, assim, supleção do que não existia para o Outro. Não há no Outro nominante nenhum nome que dê significado ao sujeito, posto que sempre o remete a outro significante, outro sentido, outra significação (LACAN, 2007, p. 13-14).

No final do ensino de Lacan o tema da metáfora foi atravessado por outro, o das nomações. Ao tomarmos a nomação como supleção do Nome-do-Pai, ela apresenta-se articulada com os três registros e declina-se em Real, Simbólica e Imaginária. Resta-nos, por fim, a questão de como se entrelaçam as nomações/supleções com a linguagem, ou ainda com o Real da linguagem, uma vez que, separando-se das constrações imperativas da língua, se originam em Joyce os fenômenos de supleção, mediante seu artificio, seu *Sinthome*.

Lacan propõe explodir o sentido – pelo “engavetamento” de uma palavra na outra, pela supressão de uma letra ou acréscimo de outra, restos metonímicos, intradução, translinguisticidade, alongação das línguas, sonoridades, equívocos homofônicos – paradigma joyceano. Ele propõe introduzir, pelo sem-sentido, efeitos de sentido outro, mediante a realização de cadeias inéditas de letras que levam à geração inventiva de significantes novos, efeitos de Real da linguagem. É através de inventivos equívocos homofônicos que Lacan

denomina alguns de seus últimos seminários, promovendo em ato a distinção entre a língua objeto da lingüística e a língua, objeto da linguística como campo operatório do psicanalista (LACAN, 1982, p. 190).

Uma das formas aproximativas de entender como operar com o Real da linguagem é, para o analista, manter total distância de qualquer nominalismo, de qualquer criacionismo do significante. É preciso forçar a língua para além do jogo tradicional com a polissemia, primazia do simbólico, em que tudo é remissível, para “morder” um real irreduzível, não domesticável pelo significante apaziguador. Mediante saber-fazer-ali-com a língua coletiva, assumir responsavelmente um modo de estropiá-la, de forçar a língua cotidiana, o que se alcança especialmente pela primazia do equívoco, pelas homofonias (HARARI, 2003a, p. 30-31). Pela equivocidade fonemática, que é onde prima a violência da linguagem, tocar pontas languageiras do Real, pela invenção de significantes novos, nominantes, para cada analisante.

Podemos dizer que, assim como Freud fez sua virada dos anos 20, também Lacan foi capaz de captar a insuficiência de “o inconsciente é estruturado como uma linguagem.” A práxis psicanalítica não se restringe tão somente à primazia do Simbólico, ao trabalho com o significante, senão também com a letra, e seguindo a mesma lógica, não somente a Jakobson, mas também a Joyce. Sem nunca ter dito uma frase sequer no sentido de uma superação ou sobre um suposto progresso em seu ensino, ou seja, fiel ao seu método não hipotético-dedutivo, todavia Lacan nos convida a não nos restringirmos à polissemia do significante e sua conseqüente desimplicação subjetiva, pois sempre é possível expressões como “Eu não disse neste sentido” ou “Você me interpretou mal”. É fundamental que o psicanalista incorpore, que enriqueça sua clínica com o que podemos chamar de “recursos joyceanos”: homofonias, polifonias, fonetizações da letra. Isso possibilita a invenção de significantes novos, gera algo que não é assimilável pela cadeia significante, pois não é um significante da língua. A homofonia aparece, então, como uma via privilegiada – mas não exclusiva – para poder tocar algo, uma ponta, do real do analisante.

Nas palavras de Roberto Harari (2004, p. 184) “qual é a tarefa proposta por Lacan aos psicanalistas? “[...] Define nosso labor afirmando que o mesmo consiste em *évider*, “vaziar”, “oquear”, [...] põe em ato um labor rasurador, evacuador, eviscerante, com respeito ao sentido.” Essa questão nos aponta para a afirmação de Lacan no Seminário 23 que, se seguirmos a orientação do Real, alcançaremos a forclusão do sentido. Diante disso, impõe-se uma interrogação: se a abordagem do Real é decisiva em nossa clínica, isso implica, como aspiração para a cura, a radical exclusão do sentido? Esta interrogação leva a outras: até onde

é possível pulverizar o sentido? Talvez pulverizar o sentido snico, grudado ao sintoma. Mas o que vem em seu lugar? Um outro sentido? Um sem sentido? Sobre essas questões, Lacan estabelece uma crucial diferenciação entre duas operações clínicas: a que se realiza mediante a ajuda do significante que somente consegue fazer ressoar o sentido, soar novamente, mais do mesmo, visto que amarrado à cadeia significante, que é obturador e fraco; e a outra em que cabe ao analista fazer soar, exercendo violência contra o uso habitual da linguagem. Não se trata de desapareção do sentido, senão que ele perde sua autonomia para ligar-se ao som. Desta estreita ligação entre som e sentido, pode advir um significante novo, abertura para saber-fazer outra coisa com o que gerava sintoma.

Surge de nossa experiência que estas incidências produzem um efeito de desconcerto, de perplexidade, confusão, que se expressam em “não estou entendendo nada”, “me deixou um branco”, “não sei o que dizer...” São momentos pontuais que, reiterados, trabalhados, vo minando a pregnância sgnica. Então, uma coisa é dar corpo ao sentido que engorda o sintoma e outra coisa é pretender prescindir totalmente do sentido, o que, desde a experiência clínica e por nossa condição de falantes, é impossível.

Por fim, cabe assinalar que não se espera nem do analista nem do analisante que fique o tempo todo inventando neologismos, não se trata de ser um Joyce, inventor de palavras exóticas. Alcançar tocar pontas de Real é ainda pela via da palavra, mas são essas palavras que desacomodam, que não são nem palavras que informam, nem palavras loucas. Um significante novo pode ser encontrado no dicionário, pois o que faz dele um significante novo é que seja novo na singularidade do dizer de cada analisante.

NOTA

¹ NA: Utilizamos o termo supleção e não o termo suplência, existente em português, para denotar a diferença entre o significado da noção lacaniana e os significados do termo suplência. O artifício que vai além do Nome-do-Pai, não lhe faz substituição, não faz as vezes de, não o complementa, não o preenche, não o remedia, e sim remete ao surgimento de algo novo.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FREUD, S. “Conferência XVIII - Fixação em traumas - O Inconsciente”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a, V. XVI.

FREUD, S. “Inibição sintoma e ansiedade”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. XX.

FREUD, S. “O interesse científico da psicanálise”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. v. XIII.

FREUD, S. “História de uma neurose infantil”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. v. XVII.

FREUD, S. “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais.” In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976e, v. XVII.

FREUD, S. “Alem do princípio do prazer”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976f, v. XVIII.

FREUD, S. “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977a, v. I.

FREUD, S. “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977b. v. VIII.

HARARI, R. *Como se chama James Joyce?* Salvador: Agalma; Rio de Janeiro: Cia. De Freud: 2002.

HARARI, R. *El fetichismo de la torpeza y otros ensayos psicoanalíticos*. Rosário: Homo Sapiens, 2003a.

HARARI, R. *As dissipações do inconsciente*. Porto Alegre: CMC, 2003b.

HARARI, R. *Intraducción del psicoanálisis*. Madrid: Sintesis, 2004.

HARARI, R. *Palabra, violencia, segregación y otros impromptus psicoanalíticos*. Buenos Aires: Catálogos, 2007.

LACAN, J. *...ou pire*. Seminário 19. Aula de 04/11/1971. Inédita.

LACAN, J. *Les non dupes errent*. Seminário 21. Classe de 11/12/1973. Inédito.

LACAN, J. *R.S.I*. Seminário 22. Classe de 13/05/1975a. Inédita.

LACAN, J. *R.S.I*. Seminário 22. Classe de 11/03/1975b. Inédita.

LACAN, J. *Abertura da sessão clínica*. Aula inaugural de seu ensino em Vincennes, proferida em 05/10/1977a.

LACAN, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário 24. Aula de 19/04/1977b. Inédita.

LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Seminário 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, J. *Mais, ainda*. Seminário 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

LACAN, J. *A ética da psicanálise*. Seminário 7. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. In: *Intervenciones y Textos 2*. Buenos Aires, Manatial, 1991a.

LACAN, J. La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1991b.

LACAN, J. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LACAN, J. Subversão do sujeito e a dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c.

LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Seminário 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. *O sinthoma*. Seminário 23. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.